



ELIENE CÂNDIDA DA SILVA

O ENSINO DA DISCIPLINA DE LINGUÍSTICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE COSTA RICA
INSTITUTO SUPERIOR LAURADAIANE

Costa Rica – MS
2009



ELIENE CÂNDIDA DA SILVA

O ENSINO DA DISCIPLINA DE LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação de Costa Rica – FECRA, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Linguística em Metodologia de Educação Básica e Superior.

Orientadora: Profa. Esp. Rose Cristiani Franco Seco Liston

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE COSTA RICA
INSTITUTO SUPERIOR LAURADAIANE**

Costa Rica – MS
2009

*... não temas, porque eu sou contigo, não te assombres,
porque eu sou o teu DEUS; eu te fortaleço, e te ajudo, e te
sustento com a minha destra fiel. Isaías 41:10.*

ELIENE CÂNDIDA DA SILVA

O ENSINO DA DISCIPLINA DE LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação de Costa Rica – FECRA, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Linguística em Metodologia de Educação Básica e Superior.

Orientadora: Profa. Esp. Rose Cristiani Franco Seco Liston

Aprovada em: ____/____/2009

Profa. Esp. Rose Cristiani Franco Seco Liston
(Orientadora)

Prof.

Prof.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, ao meu marido e aos meus filhos e, principalmente, a DEUS, que estavam comigo e me fortaleceu nos momentos mais difíceis da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha sogra Carmelina Matias da Silva: Mulher-Amiga e companheira, esta é minha fortaleza em todos os momentos da minha vida, pelo carinho e atenção que sempre me tratou, me ensinou a ter paciência e persistir para vencer e chegar ao ponto desejado, através do seu amor e fé.

Ao meu marido José Ivair da Silva, minha mão direita em todas as minhas decisões, companheiro e amigo em todos os momentos desta minha nova jornada.

Aos meus filhos Sebastião Alves da Silva Neto e Taís Oliveira Silva, pela compreensão, amizade e paciência que tiveram comigo todo esse período.

À minha querida e inesquecível irmã Eliana Cândida da Silva por me fortalecer nas horas difíceis de maior desânimo.

Aos professores do Curso de Especialização em Linguística em Metodologia de Educação Básica e Superior da Faculdade de Educação de Costa Rica-FECRA, pela compreensão de todos neste período de aprendizado e conhecimento.

À minha amiga e orientadora Bibliotecária e Professora Esp. Rose Cristiani Franco Seco Liston, pelo privilégio de sua orientação, sua paciência, pela capacidade profissional e orientação necessária na realização deste trabalho.

RESUMO

Propõe-se, para esta comunicação, uma análise acerca do ensino da disciplina de Linguística onde procurou-se tratar, principalmente, dos conceitos que se tem sobre a linguística, e o seu referencial teórico. Os dados, que disponibiliza-se para esse estudo, são textos, artigos e pesquisa na internet que discorrem sobre a linguística. E Para tanto, fundamenta-se esse trabalho em Autores como Saussure, Borba e Lyons, que tem por objetivo estudar as línguas do mundo de acordo com suas dificuldades e descrever o seu desenvolvimento histórico, também procura explicar os fatos em que elas acontecem, uma vez que visa ao estudo sobre a língua, mais precisamente, ao estudo sobre o ensino da disciplina Linguística e seus limites na representação da aprendizagem sobre a linguagem, incluindo assim as divisões linguísticas essenciais para o processo da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino. Linguística. Linguagem.

ABSTRACT

Is proposed for this communication, an analysis on the teaching of the discipline of linguistics where it was treated, especially, the concepts that have the language, and its theoretical framework. The data, which is available for this study are texts, articles and research on the internet that talk about language. And for both, is based on this work as Saussure Authors, Jordan and Lyons, which aims to study the languages of the world according to their difficulties and describe its historical development, it also tries to explain the facts as they happen, a instead aimed to study the language, more specifically, the study on the teaching of language and discipline its limits in the representation of learning about language, including the divisions so essential to the language learning process.

Keywords: Education. Linguistics. Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I	11
1 LINGUÍSTICA	11
1.1 O QUE É LINGUÍSTICA	11
1.1.1 Breve histórico da Linguística	13
1.2 SAUSSURE E A LINGUÍSTICA	15
CAPITULO II	21
2 LINGUAGEM	21
2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO ESTUDO DA LINGUÍSTICA	21
2.1.1 Funções da linguagem.....	24
2.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA DE LINGUÍSTICA	26
2.3 DIVISÕES DA LINGUISTICA	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado para mostrar a importância da disciplina de linguística como conteúdo curricular. Pois, muitos graduandos, ao saírem da faculdade, não aplicam o conhecimento adquirido no decorrer do curso, por não saber o valor essencial da disciplina ministrada no decorrer da formação acadêmica.

Este tema vem para a complementação do aprendizado acadêmico, onde se deve perceber com um novo olhar, a importância da disciplina de linguística, sabendo-se que a mesma, hoje é utilizada como ponto referencial na escolha de livro didático, por este motivo este trabalho se torna de grande valia. Através deste pode-se, formar professores capazes de uma avaliação metodológica mais aguçada no que diz respeito à escolha do melhor livro na área de Língua Portuguesa.

Em primeiro lugar, perceber-se que é necessário conhecer o significado da Linguística, como ela surgiu e qual é a sua cooperação para o ensino da Língua Portuguesa.

Em segundo lugar, é essencial uma pesquisa nesta área, por se tratar de um assunto que propõe uma discussão mais detalhada da disciplina de linguística. Por estes motivos, surgiu à idéia e a vontade de fazer uma pesquisa que venha contribuir para a reflexão e questionamento de graduandos e docentes que se formam em letras e aqueles que ministram disciplinas de Língua Portuguesa.

A escolha deste tema, e a pesquisa do mesmo, tiveram como objetivo contribuir para um entendimento mais adequado da disciplina de Linguística.

Este trabalho mostra a importância da Disciplina de Linguística, sendo que para que ocorresse este processo de forma mais objetiva, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre linguística, onde o mesmo se encontra estruturado em dois capítulos, o primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica: o que é linguística, e um breve histórico desta, fundamentado em autores como Borba (2003) e o que o autor Saussure (2005) relata sobre ela. O segundo capítulo descreve o que é linguagem e suas funções, e para finalizar apresenta à importância da disciplina de linguística e as divisões linguísticas.

CAPÍTULO I

1 LINGUÍSTICA

Para que se entenda o que é linguística, é de fundamental importância, saber seus conceitos, o que é, e como ela surgiu, e diante disso, apresenta-se a seguir, uma breve revisão da literatura sobre o assunto aqui descrito, pautados em autores como Borba (2003) e Saussure (2005).

1.1 O QUE É LINGUÍSTICA

Segundo Borba (2003, p. 75) a Linguística é uma ciência geral, que estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação altamente desenvolvida e de maior uso.

Portanto, verifica-se que a Linguística procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico.

A metodologia de análise linguística focaliza, principalmente, a fala das comunidades e, em segundo lugar, a escrita.

Para Saussure (2005), no século XIX os linguistas preocuparam-se com o estudo das transformações porque passaram as línguas, na tentativa de explicar as mudanças linguísticas. A Linguística era histórica ou diacrônica¹. Embora defendesse a perspectiva sincrônica² no estudo das línguas, Saussure reconhecia a importância e a complementaridade das duas abordagens: a sincrônica e a diacrônica. Em sincronia os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento, num determinado momento. Em diacronia os fatos são analisados quanto às suas transformações, pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam.

¹ Desenvolvimento de uma língua ao longo do tempo; o estudo desse desenvolvimento; caráter dos fenômenos culturais, sociais, etc., observados quanto à sua evolução no tempo.

² Estágio da história de uma língua que é tomado pelo estudo.

O estudo do fenômeno linguístico na interface com outras disciplinas criou várias áreas interdisciplinares: a etnolinguística³, que trabalha na relação entre língua e cultura; a sociolinguística⁴, que se detém no exame da interação entre língua e sociedade; a psicolinguística⁵, que estuda o comportamento do indivíduo como participante do processo de aquisição da linguagem e da aprendizagem de uma segunda língua. Fávero (2002) mostra que a linguística pode ser analisada do ponto de vista descritivo/explicativo, observe esta análise, logo em seguida, como descrita pelo autor.

Autores como Fávero (2002) relata que a pesquisa linguística desenvolvida no século XIX levou a separar cada vez mais o conhecimento científico da língua na determinação de sua norma, pois a visão prescritiva da linguagem não admite mais de uma forma correta, nem aceita a possibilidade de escolha, sendo o uso coloquial ou uma situação formal de comunicação.

Para Fávero (2002, p. 17) a abordagem descritiva caracteriza-se por um conjunto de regras gramaticais. A Linguística, portanto, como qualquer ciência, descreve seu objeto como ele é não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser.

Assim, Fávero com o objetivo de descrever a língua, mencionou que a Linguística desenvolveu uma metodologia que visa analisar em dois princípios: o empirismo⁶ e a objetividade. Portanto, a Linguística é empírica porque trabalha com dados verificáveis por meio de observação; é objetiva porque examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais associados a uma visão leiga da linguagem.

Chomsky (1965 apud FÁVERO, 2002, p. 20) propôs que a análise linguística prenda-se menos aos dados e preocupe-se mais com a teoria.

³ O estudo da linguagem de sociedades sem escrita.

⁴ Conjunto de estudos linguísticos, antropológicos e sociológicos que tratam dos aspectos sociais do uso da língua, esp. das variações linguísticas que se dão no interior de um grupo, conforme as diferentes posições, funções ou circunstâncias dos indivíduos ou dos subgrupos de que estes fazem parte.

⁵ Disciplina que compreende o estudo do sistema lingüístico adquirido (a gramática), dos métodos de aquisição desse sistema, e dos modelos de percepção e locução.

⁶ Doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade.

Denominada de gramática essa teoria. A teoria da gramática não se confunde com a gramática normativa porque não dita regras, apenas explica ao falante que irá organizar os elementos linguísticos, que constitua uma sentença, conferindo-lhes gramaticalidade. Ex: Problema este muito seu difícil é.

Observa-se que a gramática funcional leva em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal; inclui na análise da estrutura gramatical toda situação comunicativa: o propósito do evento da fala, os participantes e o contexto discursivo.

Dentro da perspectiva funcional da sentença considera-se que a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso e pelo contexto comunicativo em que ocorrem.

As possibilidades explicativas correspondem a diferentes abordagens da língua, que contribuem para compreender melhor o complexo.

1.1.1 Breve Histórico da Linguística

Observa-se que os linguistas podem ser divididos entre os que estudam a linguagem em um dado ponto do tempo (geralmente o presente, linguística sincrônica) e aqueles que estudam sua evolução através do tempo (linguística diacrônica), séculos, por vezes.

Geralmente, os linguistas de um campo acham que o outro campo é menos interessante e fornece menos possibilidade de compreensão dos problemas da linguagem.

Borba (2003, p. 301) relata que a linguística histórica, dominante no século XIX, tem por objetivo classificar as línguas do mundo de acordo com suas afiliações e descrever o seu desenvolvimento histórico. Na Europa do século XIX, a linguística privilegiava o estudo comparativo histórico das línguas indo-européias, preocupando-se especialmente em encontrar suas raízes comuns e em traçar seu desenvolvimento. Nos Estados Unidos, onde começou a se desenvolver, no final do século XIX, houve uma concentração sobre a documentação de centenas de línguas nativas que foram encontradas na América do Norte.

A preocupação com a descrição das línguas espalhou-se pelo mundo e milhares dessas foram analisadas em vários graus de profundidade. Quando esse trabalho esteve em desenvolvimento no início do século XX na América do Norte, os linguistas se confrontaram com línguas cujas estruturas diferiam fortemente do paradigma europeu, mais familiar, de forma que começaram a aperceber-se de que necessitavam desenvolver uma teoria da estrutura das línguas e métodos de análise.

Fora de tais preocupações, desenvolveu-se o campo conhecido como linguística estrutural, cujos pioneiros são Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield.

Borba (2003) ainda relata para a linguística histórico-comparativa ser aplicada a línguas desconhecidas, o trabalho inicial do lingüista era fazer sua descrição completa. A linguagem verbal era, geralmente, vista como consistindo de vários níveis, ou camadas, e, supostamente, todas as línguas naturais humanas tinham o mesmo número desses níveis.

O primeiro nível é a fonética, que se preocupa com os sons da língua sem considerar o sentido. Na descrição de uma língua desconhecida esse era o primeiro aspecto estrutural a ser estudado. A fonética divide-se em três: articulatória (que estuda as posições e os movimentos dos lábios, da língua e dos outros órgãos relacionados com a produção da fala: como as cordas vocais); acústica, que lida com as propriedades das ondas de som; e auditiva, que lida com a percepção da fala.

Segundo Lyons (1987, p. 135)

Os especialistas há muito tinham consciência de que as línguas mudam com o tempo. Sabiam igualmente que muitas das línguas européias descendiam, de certo modo, de línguas mais antigas. Por exemplo, sabia que o inglês tinha se desenvolvido a partir do anglo-saxão, e o que hoje chamamos de línguas românticas – o francês, o espanhol, o italiano etc. teve sua origem no latim. Entretanto, antes de se estabelecerem os princípios da linguística histórica não se tinha consciência, de um modo geral, de que a mudança linguística é universal, contínua e consideravelmente regular.

A história da linguística é essencial para que se conheça o processo da língua em diversos contextos da estrutura gramatical.

1.2 SAUSSURE E A LINGUÍSTICA

Para conhecer um pouco da linguística na concepção de Ferdinand de Saussure, Genebra (1857-1913). Saussure foi um linguista suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX.

Saussure, era filho de um eminente naturalista, foi logo introduzido aos estudos lingüísticos por um filólogo e amigo da família, Adolphe Pictet. Saussure estudou Física e Química, mas continuou fazendo cursos de gramática grega e latina. Por fim, convenceu-se que sua carreira estava nos estudos da linguagem e ingressou na Sociedade Linguística de Paris. Estudou línguas européias em Leipzig aos vinte e um anos publicou uma dissertação sobre o primitivo sistema das vogais nas línguas indo-européias, a qual foi muito bem aceita. Defendeu sua tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito, em Berlim, e depois retornou à Paris, onde passou a ensinar Sânscrito, Gótico e Alto Alemão e depois Filologia Indo-Européia. Retornou a Genebra, onde lecionou sânscrito e linguística histórica em geral. Em 1906 foi encarregado de ensinar Linguística Geral, e com isso realizou conferências que apresentaram conceitos que mudaram completamente o modo de encarar a linguística.

Entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a linguística adquire autonomia e seu objeto e método próprio passam a ser delineados. Seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

Souza (2006, p. 1-9) descreve as famosas dicotomias enunciadas por Saussure:

- Langue x Parole: Saussure também efetua, em sua teorização, uma separação entre *langue* (língua) e *parole* (discurso). Para ele, a língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, possui

homogeneidade e por isto é o objeto da linguística propriamente dita. Diferente da *parole* (discurso) que é um ato individual e está sujeito a fatores externos, muitos desses não lingüísticos e, portanto, não passíveis de análise.

- Sincronia X Diacronia: Ferdinand de Saussure enfatizou uma visão sincrônica, um estudo descritivo da linguística em contraste à visão diacrônica do estudo da linguística histórica, estudo da mudança dos signos no eixo das sucessões históricas, a forma como o estudo das línguas era tradicionalmente realizado no século XIX. Com tal visão sincrônica, Saussure procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo (recorte sincrônico).
- Sintagma X Paradigma: o sintagma, definido por Saussure como “a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior”, e surge a partir da linearidade do signo, ou seja, ele exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, pois um termo só passa a ter valor a partir do momento em que ele se contrasta com outro elemento. Já o paradigma é, como o próprio autor define, um "banco de reservas" da língua fazendo com que suas unidades se oponham pois uma exclui a outra.
- Significante X Significado: o signo linguístico constitui-se numa combinação de significante e significado, como se fossem dois lados de uma moeda. O significante do signo linguístico é uma "imagem acústica" (cadeia de sons). Consiste no plano da forma. O significado é o conceito, reside no plano do conteúdo.

Contudo, conforme relata Souza (2006) indubitavelmente, a teoria do valor é um dos conceitos cardeais do pensamento de Saussure. Sumariamente, esta teoria postula que os signos linguísticos estão em relação entre si no sistema de língua. Entretanto, essa relação é diferencial e negativa, pois um signo só tem o seu valor na medida em que não é um outro signo qualquer: um signo é aquilo que os outros signos não são.

Ao estudarmos a Morfologia da Língua Portuguesa, devemos conhecer antes o objeto da Linguística, que é a Língua. O estudo da linguística como estudo científico da linguagem começou pela publicação, em 1916, do Curso de Linguística

Geral de Fernando de Saussure. A partir daí, todo o estudo linguístico vai ser definido como "antes" ou "após" Saussure.

Observamos que, Saussure diferencia a língua da fala. A língua "é um sistema lexico-lógico e gramatical que existe potencialmente na consciência" das pessoas que falam a mesma língua. Como meio de comunicação "a língua não depende do indivíduo que a fala." E tanto isto é verdade, que os indivíduos da mesma comunidade linguística têm de se interessar em aprender a sua língua, seguindo corretamente as normas estabelecidas. Enquanto que, "a fala é o ato pelo qual o indivíduo emprega a língua para exprimir as suas idéias. É, por conseguinte, de natureza individual; e, entre os seus elementos constitutivos, está também a emissão dos sons".

Para Saussure, a língua é um "sistema de signos" e o signo é uma associação entre o significante (a imagem sonora ou visual do signo) e o significado (o conceito do signo). Essa relação não é estática, ou seja, os significados mudam diante de seus significantes. A linguagem é uma faculdade humana que torna possível a produção social de sistemas de signos que servem para comunicar: as línguas. O sistema linguístico é um fenômeno social que deve ser estudado na sua estrutura, abstraindo todas as relações históricas. A fala, como ato individual de utilização da língua num contexto particular, não é o objeto da lingüística. Saussure dividiu em duas vertentes o estudo da linguagem: a sincrônica, que se limita a examinar uma linguagem particular num determinado período da sua existência (por exemplo, o português atual) e a diacrônica, que aborda o estudo histórico do desenvolvimento da linguagem (por exemplo, a evolução do português medieval até aos nossos dias).

A partir de Saussure é que surgiu a gramática descritiva ou Linguística Descritiva, que é o estudo da língua conforme ela se apresenta. Após estas pesquisas, a matéria linguística pôde ser analisada sob dois pontos de vista diferentes, o diacrônico e o sincrônico, considerando-se que a verdadeira linguística deveria ser sincrônica. Foi com base na gramática descritiva que os estruturalistas encontraram suporte para o estudo dos fenômenos linguísticos, independente dos filósofos, partindo da análise de um corpus linguístico e, indutivamente, fazendo generalização.

Podemos observar que a Linguística Tradicional fez opção clara pela abordagem a partir da perspectiva da palavra, tanto que a morfologia tradicional é centrada no estudo das classes de palavras. Em Linguística Descritiva, no nível de análise morfológico encontramos duas unidades formais: a palavra e o morfema, e uma das questões centrais no estudo da morfologia que é decidir se a abordagem será pela perspectiva do morfema ou se a partir da palavra, da formação e da classificação das palavras. A peculiaridade da morfologia é estudar as palavras olhando para elas isoladamente e não dentro da sua participação na frase ou período. Pode-se afirmar que a linguística e a gramática tradicional estudam o mesmo objeto, ou seja, a língua, mas sob pontos de vista diferentes. Saussure (2005) estabelece uma série de princípios que refletem as diversas formas de abordagem linguística, através das dicotomias língua e fala, sintagma e paradigma, diacronia e sincronia, descritivo e normativo, além da dupla articulação da linguagem.

Na abordagem estruturalista, como o próprio nome sugere, há uma preocupação com a determinação da estrutura mórfica do vocábulo. Para tanto, Saussure (2005) descreve que é fundamental o conceito de morfema, proposto por Hockett em 1973 da escola estruturalista americana, quando ele disse que: 'morfemas são os elementos mínimos individualmente significantes nas elocuições de uma língua'. Um morfema pode ser um vocábulo, embora não possa ser confundido com este. Em português, "fé" é um vocábulo e um morfema, ao mesmo tempo, pois não pode ser dividido em partes significativas. Aliás, o linguista norte-americano Leonard Bloomfield definiu o léxico como o conjunto total de morfemas numa língua, ou seja, o inventário efetivo de todas as suas formas mínimas significativas.

Para que possamos entender a importância da Linguística Saussuriana no estudo da Morfologia da Língua Portuguesa, vamos tomar com exemplo: um carro. Um carro é formado por um conjunto de peças que se encaixam, numa relação lógica, formando uma estrutura. O carro não é um bloco indivisível; é feito de partes. Tudo que é formado de partes ajustadas é uma estrutura. Portanto, é fácil entender por que a palavra é uma estrutura: é formada de partes, que são os morfemas. As partes da palavra têm nome, lugar e função certos. Estas partes são: Radical, desinências, vogais temáticas, afixos.

Diante desse contexto, Saussure (2005, p.17) menciona ainda que “o objetivo da Linguística, pois, inicialmente não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar”.

Saussure (2005, p.164) relata que “o caráter diacrônico da Fonética concorda muito bem com o principio de que nada do que seja fonético é significativo ou gramatical, no sentido lato do termo”. Assim sendo, ela ainda menciona que:

Para fazer a história dos sons de uma palavra, pode-se ignorar-lhe o sentido, considerando-lhe apenas o invólucro material, e cortar frações fônicas sem perguntar se elas têm significação; investigar-se-á, por exemplo, o que aconteceu em grego ático com o grupo - ewo-, que não significa nada. Se a evolução de uma língua se reduzisse à dos sons, a oposição dos objetos próprios às duas partes da Linguística seria de pronto evidente; ver-se-ia claramente que diacrônico equivale a não-gramatical, assim como sincrônico a gramatical.

Assim, percebe-se que a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração.

Saussure (2005, p.119) ainda diz que a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo que a rodeia na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou unidades que se opõem no mecanismo da língua.

Nesta vertente, a Linguística trabalha, pois, no terreno limitado onde os elementos das suas ordens se combinam; esta combinação produz uma forma, não uma substância.

Contudo, sobre os valores linguísticos, Saussure (2005, p.132) diz que quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma idéia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico.

Portanto, verifica-se que o valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo,

esclarecer esta questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura: significado e significante.

CAPÍTULO II

2 LINGUAGEM

O presente capítulo se fundamenta em Lyons (1987), que nos relata a história do estudo da linguagem, como uma trajetória de conhecimento, voltado para o significado da mesma, fundamentado em concepções da análise da palavra.

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO ESTUDO DA LINGUAGEM

Inicialmente, foram razões religiosas que levaram os hindus a estudar sua língua, para que os textos sagrados não sofressem modificações no momento de ser proferidos. No século IV a.C. os gramáticos hindus dedicaram-se a descrever sua língua, produzindo modelos de análise. Os gregos queriam definir uma relação entre a palavra e o seu significado.

No século XVI, a religiosidade ativada pela Reforma provoca a tradução dos livros sagrados em numerosas línguas.

Em 1660, a *Grammaire Générale et Raisonnée* de Port Royal, demonstra que os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.

O conhecimento de um número maior de línguas vai provocar, no século XIX, o florescimento das *gramáticas comparadas e da Linguística Histórica*. O estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular. Já a Linguística Histórica estuda a descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas européias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de parentesco.

A Linguística moderna considera a prioridade do estudo da língua falada como um de seus princípios fundamentais.

Antigamente, a Linguística não era autônoma, submetia-se às exigências de outros estudos.

Lyons (1987) menciona que a linguagem é entendida como o reconhecimento de que as línguas naturais, notadamente diversas, são manifestações de algo mais geral.

Saussure (2005) considerou a linguagem "heteróclita e multifacetada", pois abrange vários domínios; é ao mesmo tempo física fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual e social; "não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade".

A distinção linguagem/língua/fala situa o objeto da Linguística para Saussure (2005). Dela decorre a divisão em duas partes: uma que investiga a língua e outra que analisa a fala, sendo elas inseparáveis. A língua é a condição para se produzir a fala, mas não há língua sem o exercício da fala. A linguística da língua é um sistema supra-individual que a sociedade impõe ao falante.

Borba (2003) menciona que no século XX, o norte-americano Noam Chomsky trouxe para os estudos linguísticos uma teoria conhecida como gerativismo, que conforme Chomsky, a linguagem é transmitida geneticamente e própria da espécie humana.

Ele também distingue competência de desempenho. A competência linguística é quando seu falante resulta no que ouviu durante a infância, permitindo produzir uma sentença de sua língua. O desempenho corresponde a fatores não lingüísticos de ordem variada, como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que diz, pressuposto o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos.

A língua – sistema linguístico socializado – de Saussure aproxima a Linguística da Sociologia ou da Psicologia Social; a *competência* – conhecimento linguístico internalizado – aproxima a Linguística da Psicologia Cognitiva ou da Biologia.

Observa-se que alguns autores, mencionam que ora, a linguagem é a faculdade de expressão e comunicação que faz uso de um sistema de signos convencionados. Confuso? Nem por isso: estamos a falar de linguagens não-verbais, como a gestual, visual, sonora e simbólica; verbais, que fazem uso do verbo (palavra) e que incluem linguagens em código; e mistas, como a banda-desenhada que mistura uma linguagem não-verbal (o desenho), com uma verbal e a escrita⁷.

⁷ Fonte: <<http://criamundos.do.sapo.pt/Lingüística/pesquisalinguagem001.html>>

Na linguagem não existe apenas uma forma para a comunicação ou expressão, mas sim variadas formas para cada tipo de pessoa ou lugar. Todos os tipos de linguagem pode se tornar muito simples, desde que todos nós conheçamos todas elas nem que seja o mínimo possível. Porque por mais difícil que seja sempre existe uma forma para de comunicar, mesmo sendo em um país onde não sabemos uma palavra sequer, então através de gestos, desenhos e outros podemos chegar ao ponto desejado.

Borba (2003) relata que Herder, no livro a História da Filosofia de Bernadeth Siqueira Abraão, disse que:

A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também o próprio pensamento do ato. O conhecimento não se separa da forma linguística em que se expressa, e por isso a linguagem também constitui o limite, ainda que móvel, do pensamento. A linguagem não se organiza apenas segundo princípios racionais. As palavras irradiam a capacidade de comunicação para os domínios mais amplos da vida e das forças que a integram, modificam-na e a expressam⁸.

Por ser a linguagem um instrumento de comunicação e também o próprio pensamento isso nos deixa bem claro que não existe uma linguagem sem pensamento e tão pouco, um pensamento sem linguagem, pois, ambos estão intimamente ligados. E por mais que aprendemos palavras ou frases novas não falamos apenas como ouvimos, mas pensamos e modificamos a fala toda vez que falamos ou que repetimos alguma coisa semelhante àquelas que ouvimos antes.

Linguagem é todo sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Tanto a verbal quanto a não-verbal expressam sentidos e, para isso, utilizam-se de signos, com a diferença que, na 1ª, os signos são constituídos de sons da língua (mesa, fada, árvore), ao passo que nas outras exploram-se outros signos como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais, etc. Em todos os tipos de linguagem, os signos são combinados entre si, de acordo com certas leis, obedecendo a mecanismos de organização⁹.

Isso quer dizer que para cada situação existe uma solução, cada palavra tem sua combinação de letras que por segundo é a combinação de signos. No caso das pessoas surdas-mudas seria quase impossível usar a linguagem verbal, pois elas entenderiam muito pouco, então é aonde se explora mais a linguagem das formas, das cores e dos gestos. Já em casos de pessoas com deficiência na visão

⁸ Fonte: <<http://criamundos.do.sapo.pt/Lingüística/pesquisalinguagem001.html>>

⁹ Fonte: <<http://criamundos.do.sapo.pt/Lingüística/pesquisalinguagem001.html>>

pode ser usada à linguagem verbal, os sons, os ruídos, pois a pessoa conseguiria entender muito bem, desde que não irão usar a linguagem manuscrita com ela.

2.1.1 Funções da Linguagem

Para entendermos com clareza as funções da linguagem, é bom primeiramente conhecermos as etapas da comunicação.

Ao contrário do que muitos pensam, a comunicação não acontece somente quando falamos, estabelecemos um diálogo ou redigimos um texto, ela se faz presente em todos (ou quase todos) os momentos. Comunicamos-nos com nossos colegas de trabalho, com o livro que lemos, com a revista, com os documentos que manuseamos, através de nossos gestos, ações, até mesmo através de um beijo de “boa noite”.

Portanto, como relata Lyons (1987) a linguagem é o maior meio de comunicação sem dúvidas, e só percebemos a sua importância quando precisamos dela e estamos incapacitados por algum motivo. Pois num simples olhar qualquer que seja a pessoa consegue entender o que se quer ou se pede, essa comunicação através de gestos é tão importante quanto uma linguagem verbal qualquer usada no dia-a-dia.

No ato de comunicação percebe-se a existência de alguns elementos, como descritos abaixo por Neto Chamadoria (1998, p. 19):

- emissor: é aquele que envia a mensagem com necessidade de comunicar algo (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
- receptor: é aquele a quem a mensagem é endereçada, que recebe a mensagem, interessado na mensagem (um indivíduo ou um grupo) também conhecido como destinatário.
- canal de comunicação: a forma, o veículo utilizado para o envio da mensagem, é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
- código: sistema de sinais (ex: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, sinais de trânsito etc.) comum ao emissor e ao receptor, é o conjunto de signos e de

regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem: o emissor codifica aquilo que o receptor irá decodificar.

- contexto: é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Neto Chamadoria (1998, p. 22-25), apresenta as funções da linguagem:

1. Função referencial: referente é o objeto ou situação de que a mensagem trata. Ela descreve ou define sem pretender mais do que aquilo que está nos enunciados em si. Essa função é centrada no conteúdo ou assunto tratado. A função referencial privilegia justamente o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas sobre ele. Essa função predomina nos textos de caráter científico e é privilegiado nos textos jornalísticos.
2. Função emotiva ou expressiva: centrada no emissor, essa função nos permite comunicar nossos estados anímicos; ela procura traduzir ou incluir a atitude do falante naquilo que ele está transmitindo. Ela também pode ser chamada de função conotativa, e confere à mensagem valores subjetivos, de algum modo secundário e de alcance mais restrito. Através dessa função, o emissor imprime no texto as marcas de sua atitude pessoal: emoções, avaliações, opiniões. Essa função revela a personalidade do emissor, seus juízos e seus sentimentos. O leitor sente no texto a presença do emissor. Os textos que exprimem essa função são os críticos, subjetivos, “impressionistas”, como as cartas pessoais, as resenhas críticas, a poesia do “eu”, as narrações subjetivas.
3. Função conativa: essa função procura organizar o texto de forma a que se imponha sobre o receptor da mensagem, investe diretamente sobre o ouvinte ou leitor, persuadindo-o, seduzindo-o. Nas mensagens em que predomina essa função, busca-se envolver o leitor com o conteúdo transmitido, levando-o a adotar este ou aquele comportamento.
4. Função fática: a palavra fático significa “ruído, rumor”. Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a

atenção (ruídos como psiu, ahn, ei). Tudo o que numa mensagem serve para estabelecer, manter ou cortar o contato concerne a essa função. Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.

5. Função metalingüística: é a que está centrada sobre o código. Tudo aquilo que, numa mensagem, serve para dar explicações ou precisar o código utilizado pelo emissor refere-se a essa função. Textos marcados pela metalinguagem são as definições e as explicações. A metalinguagem predomina também em textos que tratam de outros textos, como as análises literárias e os vários tipos de crítica. Quando a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente, ocorre a função metalingüística.
6. Função poética: ela está centrada na própria mensagem. Ela coloca em evidência o trabalho de construção de signos. Todo o arranjo de seleção e combinação do código que enfatiza o inédito e o inusitado da linguagem acaba realizando a função poética. Quando a mensagem é elaborada de forma inovadora e imprevista, utilizando combinações sonoras ou rítmicas, jogos de imagem ou de idéias, têm a manifestação da função poética da linguagem. Essa função é capaz de despertar no leitor prazer estético e surpresa. É explorado na poesia e em textos publicitários.

Neste item e também nos outros pode-se ver bem claro que os linguistas estão preocupados com o mesmo objetivo. Então a cada dia eles aperfeiçoam mais a língua para que possamos entendê-la e compreendê-la melhor.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA DE LINGÜÍSTICA

Sabe-se que a Língua Portuguesa, vem passando por modificações relevantes em sua estrutura gramatical “Nova gramática ortográfica”, e dentro deste contexto, deve-se perceber que toda mudança, leva-nos a um novo pensamento reflexivo. Assim muda-se a estrutura da escrita e não da fala, pois a fala é

pertencente a vários grupos sociais, pois somos um povo regionalista, com sotaque diferente, residimos em um mesmo país, usamos uma mesma escrita, mas falamos de forma diferente.

Neste sentido Rodrigues (2007, p. 12) nos relata que:

A Linguística é a disciplina que estuda cientificamente a linguagem humana, descrevendo e explicando como funciona o sistema de uma determinada língua particular. Por exemplo, um linguista escolhe uma comunidade indígena para estudar a língua dos falantes dessa comunidade. Primeiro, ele registra os sons dessa língua, ou seja, descreve foneticamente os sons da língua. Hipoteticamente, ele registra a sequência sonora [kaskeka]. Depois, começa o trabalho fonológico, que consiste em comparar tais sons a outros sons para saber se aqueles são fonemas ou não. Sequencialmente ocorre o trabalho de relacionar o segmento sonoro ao seu significado.

Nesta concepção, pode-se considerar que as línguas de cada região são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, pois nos PCNs de Língua Portuguesa é evidenciada a concepção de linguagem como interação que se realiza nos gêneros. No item "Discurso e suas condições de produção, gênero e texto" (BRASIL, 1998, p. 20-21) aparecem referências à teoria da enunciação: interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias, ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado.

Assim, ao citarem as concepções mais recentes sobre o ensino de língua materna, Rodrigues (2007) relata que esses documentos oficiais despertaram o interesse dos linguistas aplicados, que voltaram sua atenção para o trabalho com os gêneros na sala de aula, procurando formar "parcerias" com os professores do Ensino Fundamental e Médio, estes surpreendidos pela tarefa de incorporar em seu cotidiano profissional uma nova orientação teórica cujo primeiro contato, para a maioria, está ocorrendo depois de muitos anos de concluída a graduação e de uma prática fundamentada em outras orientações.

Neste sentido a disciplina de linguística tem se tornado cada vez mais essencial, pois pode-se observar, que várias Instituições de Ensino Superior no decorrer dos últimos anos vem oferecendo aos seus egressos do Curso de Letras, especialização voltada para a área de linguística, para que o docente, venha a ter

uma nova reflexão sobre e como trabalhar de forma adequada o processo linguístico (métodos e formas) em sala de aula, através de novas reflexões e conhecimentos.

Portanto no item a seguir, veremos as divisões linguísticas, dentro do foco da análise, no que se constitui a língua e por fim a sua conexão com outros domínios, ou seja, outras áreas interdisciplinares.

2.3 DIVISÕES DA LINGUÍSTICA

Torna-se essencial conhecermos as divisões linguísticas, pois segundo Rodrigues (2007) a Linguística divide-se dentro do foco da análise, no que se constitui a língua e por fim a sua conexão com outros domínios, ou seja, outras áreas interdisciplinares.

1. A Linguística no foco da análise:

- Linguística Descritiva (ou sincrônica): Fala de uma língua, descrevendo-a simultaneamente no tempo, analisa as relações existentes entre os fatos linguísticos em um estado da língua, além de fornecer dados que confirmam ou não as hipóteses. Modernamente, ela cede lugar à Linguística Teórica, que constrói modelos teóricos, mais do que descreve;
- Linguística História (ou diacrônica): Analisa as mudanças que a língua sofre através dos tempos, preocupando-se, principalmente, com as transformações ocorridas;
- Linguística Teórica: Procura estudar questões sobre como as pessoas, usando suas linguagens, conseguem comunicar-se; quais propriedades todas as linguagens têm em comum; qual conhecimento uma pessoa deve possuir para ser capaz de usar uma linguagem e como a habilidade linguística é adquirida pelas crianças;

- Linguística Aplicada: Utiliza conhecimentos da linguística para solucionar problemas, geralmente referentes ao ensino de línguas, à tradução ou aos distúrbios de linguagem.
- Linguística Geral: Engloba todas as áreas, sem um detalhamento profundo. Fornece modelos e conceitos que fundamentarão a análise das línguas.

2. O que constitui a língua:

- Fonologia: Estuda os menores segmentos que formam a língua, isto é, os fonemas;
- Morfologia: Estuda as classes de palavras, suas flexões, estrutura e formação;
- Sintaxe: Estuda as funções das palavras nas frases;
- Semântica: Estuda os sentidos das frases e das palavras que a integram;

3. Considerando suas conexões com outros domínios:

- Outras áreas interdisciplinares: Psicolinguística; Sociolinguística e Etnolinguística, como já conceituadas no capítulo 1 deste trabalho.

As divisões que aqui aparecem nos ajudam muito, pois assim, a língua se torna mais fácil para ser trabalhada e os educandos podem aprendê-la com maior facilidade e até através de pesquisas descobrirem a sua fonte de origem. Pois para quem não conhece a fundo a origem da língua nem imagina o quanto ela é importante para os seres humanos se comunicarem e o quanto podemos usufruir dela. Só percebemos a sua real importância quando nos deparamos diante de uma língua que não é a nossa, então nos vemos no desespero e aí sim lembramos o quanto nossa língua materna é fundamental para o nosso meio social e educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que essas informações aqui descritas ajudem acadêmicos, docentes e coordenadores de cursos de Letras a refletirem cada vez mais sobre a real importância da disciplina de Linguística no que tange seu patamar real de disciplina básica do curso.

Diante da sua multidisciplinaridade, que não atinge somente a sala de aula, mas vários outros contextos sociais são importantes desmistificar a idéia de que essa disciplina se refere somente à aplicação da Linguística. É importante ressaltar, no entanto, que não se deve excluir totalmente as contribuições da ciência da linguagem, pois foram a partir delas que a Linguística se fundamentou.

Portanto deve-se ressaltar que a Linguística busca subsídios teóricos em várias áreas de investigação relevantes, visto que primeiramente o indivíduo deve ser exposto a um mínimo de informações sobre o surgimento da Linguística bem como seu percurso até os dias atuais, para então construir o conhecimento apropriado sobre a disciplina.

Nesta visão, o interesse e boas perspectivas são fundamentais para que se descubra que esta área é rica na investigação sobre as questões de uso da linguagem que serão encontradas em nossa prática pedagógica ou em qualquer outro contexto social.

Assim, acredito na importância dessa disciplina para a formação, sobretudo teórica, dos acadêmicos do curso de Letras, pois ela possibilita, acima de tudo, um treino para o aluno adquirir novos conceitos que podem ser usados em outras disciplinas, especialmente aquelas ligadas ao ensino de línguas.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. Campinas SP: Pontes Editores, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: A Secretaria, 1998.
- FÁVERO, Leonor Lopes e; KOCH, Ingedore G. Vilhaça. **Lingüística textual: uma introdução**. São Paulo: [s.n], 2002.
- LYONS, John. **Linguagem e Lingüística**. [s.l]: LTC, 1987.
- NETO CHAMADORIA, João Batista; RAMANDAN, Maria Ivonete. **Língua Portuguesa: pensando e escrevendo**. São Paulo: Atlas 1998.
- RODRIGUES, Nara Caetano. Contribuições da lingüística para a mudança no objeto de ensino da disciplina de língua portuguesa. **Artigo**, 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/103.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- SOUZA, Silvia Fernanda. O objeto de estudo da lingüística: as relações entre as porposições de Saussure e Coseriu, **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 4, I Semestre de 2006. Disponível em: <www.nead.uncnet.br/2007/revistas/letras/admin/chama_artigo.php?artigo=46.pdf&ed=4 ->. Acesso em: 20 de set. 2008.